

APRENDIZADO DO JOGO

Marcílio França Castro*



* Nasceu em Belo Horizonte (1967), cidade na qual reside e trabalha. É autor dos livros de contos *Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse*, de 2011 (ganhador “Prêmio Clarice Lispector” da Fundação Biblioteca Nacional 2012 e da Bolsa Funarte de Criação Literária 2009), e *A casa dos outros*, de 2009 (Prêmio da União Brasileira de Escritores – RJ, de 2010), ambos publicados pela editora 7Letras. É mestre em Estudos Literários pela UFMG, onde também se graduou em Letras e em Direito.

marciliofc@gmail.com

“Preste atenção”, ele me diz, tentando sintonizar a estação.

A voz do locutor aparece, fica no ar alguns segundos. O carro entra pelos morros, a voz se perde outra vez.

“Você não precisa ouvir o placar, Pedro. Pode deduzi-lo pelos sinais.”

A estrada sobe e desce em linha reta, abrindo uma série de gargantas nas rochas. É uma região desconhecida para mim. De vez em quando, a vinheta da rádio dispara, ecoa no descampado. As vacas levantam a cabeça, ruminando, olham o carro passar.

“O Max não mudou muito”, ele diz. “Está mais cansado, claro, mas a euforia é a mesma, não perdeu a arrancada na voz. Nos tempos da Kombi ele já era assim, há quarenta anos. Eu ia de especial para a escola, o rádio estava sempre ligado no programa de esportes.”

“Não entendo muito de futebol”, eu digo.

Sem se distrair do volante, ele continua girando o botão da AM.

“O estádio deve estar lotado”, ele diz. “Mas não tem nenhum rumor, nenhum ruído de fundo, você reparou? A arquibancada parece muda.”

O rádio arranha, chia, eu não distingo nenhum tom.

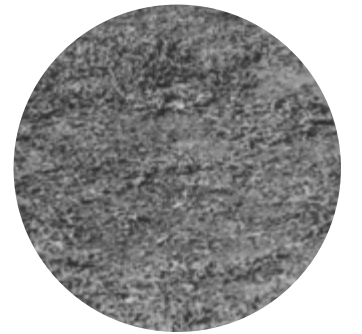
“Acho que também não entendo de rádio”, eu digo, meio sem graça, mas ele não se importa.

*

São pouco mais de cinco horas. O sol agora bate bem na orelha do Edgar. A planície vai ganhando um contorno meio ferrugem, meio laranja, a sombra das poucas árvores avança na beira da pista. Desde a saída de Belo Horizonte, rodamos uns quinhentos quilômetros; não estamos longe. Já não sinto tanto o constrangimento da viagem, da companhia.

“O jogo começou há uns dez minutos”, ele diz. “Pelo jeito, ainda não fizemos gol. A primeira coisa que você escuta quando liga o rádio é a torcida, o rumor da torcida. Se não escuta, é porque há perigo, o time não está bem. Na Argentina é diferente, eu sei, lá eles martelam o tempo inteiro. Uma ladainha, uma milonga interminável rebimbando na arquibancada, até o ponto em que o que acontece em campo, o resultado, já não tem a menor importância. Podem dizer que não, mas a torcida aqui é diferente, mais volúvel, menos insidiosa, só se empolga mesmo quando sai um gol.”

O camisa sete domina a bola pelo círculo central, avança. Está bloqueado, para, toca de lado. O adversário antecipa a jogada, dá de ladrão. É habilidoso, é ligeiro. Instruído por Edgar, tento captar o ruído de fundo, qualquer ruído que não seja o da transmissão. O sete volta, tenta recuperar a



bola. Chega junto e comete falta por trás. É falta para cartão. Diga aí como foi o lance, grita o Max, chamando o repórter de campo.

Edgar me olha, respondo que não sei.

“Perdendo não está”, ele diz. “Com um a zero contra, Max estaria gaguejando. É um dos sinais dele. Sempre que o outro time faz um gol, Max começa a gaguejar. Uma gagueiraziinha leve, sutil, mas gagueja. Não é todo mundo que percebe. Tropeça nas palavras, às vezes nos nomes, reclama. Se o time estivesse perdendo, ele não narrava desse jeito. Está pouco vibrante, cauteloso, mas também não está afetado. Zero a zero.”

*

“Naquela época”, diz Edgar, “a época em que eu ia de Kombi para a escola, meus pais já moravam há muito tempo em Belo Horizonte. Era o início dos anos 70. Eles tinham se mudado pra lá em 1951, quando só o Theo era nascido. A Carla e a Luzia nasceram depois, uma atrás da outra. Eu vim de lambuja, como eles gostavam de dizer. A gente nunca teve parentes em Belo Horizonte. Meu pai era um sujeito fechado, conversava pouco. Não gostava que eu brincasse na rua, que inventasse amizade fora da escola. Mal me deixava frequentar a casa do vizinho, que tinha algum laço com ele. Não sei se com as meninas foi assim. Uma vez apanhei feio porque

fui jogar bola escondido no prédio em frente. Também não podia viajar. Ele tinha pavor de excursão, de acidente, de sequestro, de tudo. Eu achava aquilo um absurdo, não entendia tanta restrição. Minha mãe não se opunha, também não apoiava. Só quando a gente vinha para o interior, nas férias, ele relaxava, me dava alguma liberdade. Em Belo Horizonte, eu gastava as tardes lendo revista em quadrinhos, ouvindo rádio embaixo do travesseiro. O Theo? O Theo já estava na faculdade; meu pai nunca conseguiu segurá-lo.”

*

Começam a aparecer curvas. Contornamos uma colina, a transmissão é cortada. A estrada vai ficando mais estreita e vazia. De vez em quando passa uma caminhonete, uma carroça, um homem a cavalo. Na minha cabeça, o Theo usa óculos quadrados, de lentes grossas e armação pesada, tem os cabelos pretos e cacheados. Na minha cabeça, nunca o vejo em movimento. Tento empurrá-lo, imaginá-lo andando ou rindo ou tomando café, abrindo um livro ou conversando, mas só consigo pensar nele parado, aquele sujeito meio vesgo de óculos quadrados, de cara branca e quadrada, tal como aparece na fotografia.

*

“Entre os antigos locutores, Max é o único sobrevivente”, diz Edgar.



Ele tira o cigarro do bolso, põe na boca, pega o isqueiro no console. Obrigado, não fumo, digo. Por um instante, registro a brasa devorando o papel, a fumaça subindo, e isso traz para dentro do carro uma agradável sensação de cumplicidade.

“Foi o único que sobrou da turma da Kombi”, Edgar continua. “Uma Kombi bebe, que passava de casa em casa na hora do almoço, do Sion ao Colégio Batista, pegando os meninos para levar na escola. O comentarista, o repórter, o outro locutor... todos já morreram. Costumo confundir o motorista barbudo e sua mulher loira com o pessoal da rádio, como se todos se conhecessem, como se fossem personagens intercambiáveis da mesma história. Bobagem. O programa começava às onze, ao meio-dia era a hora do comentarista, que tinha um bordão sobre a coragem e a verdade aplicados ao futebol.”

*

O lateral avança depois de vencer o marcador, tem um corredor à sua frente. Ali, depois da divisa, a estrada está quase abandonada. Ele vai à linha de fundo, o zagueiro se aproxima. A bola é cruzada na área, o goleiro se estica, espanta o perigo. O juiz anota o escanteio, alguém lê a carta de uma ouvinte. É outra estação atravessando a faixa. A mulher manda um recado para os pais, que estão distantes, em

Belém do Pará. Agora ouço o ruído de fundo. É uma música do Roberto Carlos. Depois de transitar pelo espaço, uma emissão antiga retorna, perturbando a onda dos que vão pela estrada. Assim sobrevivem os fantasmas, penso. Olho o Edgar, tento reconhecer no seu rosto chupado, amarelo, um vinco que também seja meu. A ouvinte se chama Consolação e mora no interior de São Paulo. Me dá vontade de fumar um cigarro.

*

“Para saber se estávamos no horário, era só prestar atenção no comentário”, ele diz. “De Santa Tereza a Kombi seguia para o Horto, onde apanhava dois meninos; de lá para a Serra, catando alunos no São Lucas, em Santa Efigênia, no Funcionários. Se a trombeta da rádio soasse antes da Rua Aimorés, eu já estava atrasado. Foi assim, mapeando a cidade, que entrei no mundo do futebol, que escolhi meu time. Foi assim, suponho, que tomei a decisão de torcer para um time de camisa azul, que não tivesse as mesmas cores que a cidade tinha para mim, e que eram parecidas com as da televisão. A cidade da minha infância, ou os destroços que guardo dela, é quase toda cinza, é asfáltica. Um dia, o motorista completou o percurso e eu já saltei decidido na porta da escola, querendo que os colegas soubessem: meu time é azul – e nesses assuntos não há volta. Quando penso agora nos milhares de gols que ouvi, ao vivo e na reprise do dia seguinte, e outra



vez no bate-bola noturno, quando me concentro nessa poeira acústica, Pedro, acho que todo o resto foi impossível, que o passado é impossível, e foi urdido como uma piada de mau gosto. Aquilo que não retive, e o que não retive é quase toda a história, me parece hoje um poço de sono, e o que eu fazia no banco da Kombi enquanto não ouvia o jornal esportivo era possivelmente dormir, dormia também em casa, dormia nas horas em que minha mãe costurava, e quando Luzia dava aulas e Theo viajava ou se escondia na casa de alguém, um parente ou amigo, às vezes durante meses, me lembro. Há então um grande buraco de sono, angustiante, estúpido, em todos os lugares e dias nos quais minha memória afunda. Me desculpe, Pedro, acho que estou falando demais.”

*

Prepara-se o goleiro para cobrar o tiro de meta, demora-se muito, será que o juiz marcou alguma coisa, quer saber Max. Sobe o balão, o defensor rebate de cabeça, cai nos pés do camisa onze, que domina com dificuldade. Esse é canhoto. Gira o corpo, vai armar o ataque, lança na ponta esquerda para seu companheiro – é o camisa nove. Ele corre, se esforça, alcança a bola. Já invade o meio, aproxima-se do bico da grande área, vai chutar, perde. Perde bisonhamente o lance.

“Um a zero para os alvinegros, cacete”, conclui Edgar, e desliga o rádio.

*

“Meus pais voltaram para cá em 85, com a Luzia”, diz. “A Carla veio depois da separação, ela e sua menina mais nova. O outro ficou morando comigo em Belo Horizonte; está lá até hoje. Luzia nunca se casou; dava aulas no Estado e conseguiu uma transferência. Foi ela quem cuidou dos velhos até o fim. Segurou uma barra pesada, a depressão deles aumentando a cada dia. Nunca perderam a esperança, eu acho, os pais nunca perdem a esperança, mas aos poucos foram desistindo de procurar, e de falar, até não conversarem com ninguém. O pai faleceu primeiro, a mãe logo depois. Vai fazer dez anos em abril.”

*

Não passa um minuto, Edgar liga o rádio novamente. Uma voz portentosa lê a carta de outra ouvinte, desta vez é a Manuela, de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. O comentarista tem a palavra, avalia que o time azul está extremamente recuado, que seria preciso segurar o cabeça de área e soltar mais os laterais. Pela variedade de ruídos, o jogo esquentou; não ouço mais o Roberto Carlos, Max me parece um pouco ofegante. Edgar sorri e concorda com o palpite.

“É claro que há outros elementos”, ele diz, “que te ajudam na interpretação”. O repórter, o juiz, até o instante do comercial. A menção ao gandula pode revelar um placar. Mas



quase tudo passa pelo narrador, você sabe. Pela ansiedade da voz, pelo ritmo, pelas omissões – sobretudo pelas omissões. Ouvindo, você sabe se o jogo está truncado ou corrido, se está disputado ou não, se está lento. Você sabe quem está pressionando, quem está com medo. Certos indícios são dados pelo jogo; outros dependem de quem está narrando, do estilo do sujeito – e nesse caso você tem que conhecê-lo, saber se é discreto ou não, se torce para alguém, quais são as suas manhas. Alguns desses sinais são indicativos, outros são categóricos. ‘Bisonhamente’, por exemplo. Um vocábulo esquisito, os radialistas adoram vocábulos esquisitos. Essa foi a palavra que Max acabou de usar, não foi? Pois é um sinal categórico. Se ele, Max, descreve uma jogada como ‘bisonha’, uma jogada de seu próprio time, é porque já está irritado, e o time está atrás no marcador.”

Eu o escuto com atenção, vejo o sol declinar. A voz do Max se ergue e recua no meio do chiado, esganiçada, falhando. Jamais imaginei ter aulas de futebol.

“Há algumas situações mais delicadas”, ele continua, sem olhar para mim, sem se perder da estrada. “O Billy, por exemplo, um confesso torcedor alvinegro. Quem me chamou a atenção para esse detalhe foi o porteiro do meu prédio. Os porteiros são os melhores ouvintes de rádio que conheço, superiores aos motoristas de táxi, com um ouvido mais agudo do que o deles. O Billy é um narrador distinto,

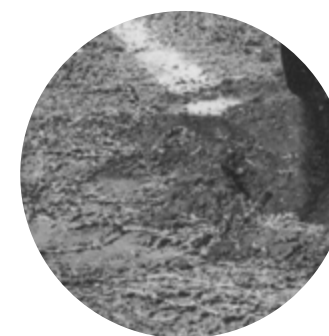
correto, elegante na forma de narrar. Se a maré não está boa, ele começa a economizar palavras, a resumir os lances e a extensão das frases, como se não quisesse transmitir aquele espetáculo que lhe é desfavorável. Fico extremamente feliz quando ligo o rádio e noto que ele está usando frases curtas e secas. Quanto mais triste, mais lacônica e agradável é a sua narração.”

*

Enquanto Edgar fala, a luzinha do rádio pisca, nunca para de piscar. Talvez eu devesse fazer um comentário, refutá-lo, indagá-lo, enchê-lo afinal de perguntas, todas as perguntas que eu queria fazer sobre o Theo. Seguimos; a paisagem vai se tornando mais seca, pedregosa. Não me sinto à vontade com futebol, nunca fui um amante de futebol. De vez em quando sobe uma fumaça. Vejo um vendedor de mamonas, um acampamento, um forno de carvão. Imagino as ondas do rádio cruzando as nuvens e despencando pelas chapadas. Penso em como captar corretamente os sinais, em como me orientar por eles. Penso nos botos, nos morcegos, esses bichos que vivem no escuro e são dotados de sonar.

*

“Esse cara narra com afeto, às vezes com delírio”, diz Edgar, referindo-se ao Max. “Austeridade não é o forte dele, e é isso que me agrada. A mesma partida, narrada pelo Billy ou pelo



José Gil, por exemplo, se tornaria irreconhecível. J. Gil é um senhor metódico, talvez mais velho que o Max. Pertence à linhagem dos locutores limpos, corretos, que veem o jogo como aritmética, como um xadrez. Na voz dele, os jogadores se mexem lisos e justos, quase não se tocam, nem devem suar. Gil cultua um futebol aristocrático, elevado, altivo. Adivinha as jogadas, impõe uma visão completa do campo. Narra o que está acontecendo e o que pode acontecer, o presente e o futuro. Às vezes, dá impressão de que é onisciente, divino. Narra além da bola, onde ela não está. Acaba podando a nossa imaginação. Tal como seu mestre, Geraldo Neves. Um velho locutor cheio de preciosismos, de frases feitas, com um vocabulário lusitano. Daqueles que soltam os erres vibrantes – e vão com os eles até o céu da boca, dobrando a língua. O Theo o detestava; não podia ouvir nem de longe a sua voz. Lembro-me dele entrando no meio do jogo, para as notícias oficiais. Uma voz grave, poderosa, não sei se apresentava a Voz do Brasil.”

A transmissão some por dois ou três minutos. Volta nítida, Edgar eleva o volume. O jogo está paralisado, diz o Max. Vamos ver o que o juiz marcou. Falta para nós. O juiz está com o braço esquerdo levantado. Tiro livre indireto. O dez caminha para a bola, já não tem tanta pressa. Vai alçar a bola sobre a área, o defensor tenta atrapalhar a cobrança. Agora dá para ouvir os apupos da torcida contra o adversário.

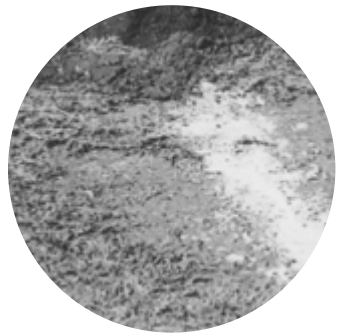
“Empatamos”, diz Edgar.

*

“Um dia a Kombi estava demorando muito. Todos os meninos já tinham saído, sobrei sozinho na porta da escola. Eu tinha de sete para oito anos. Achei que por algum motivo não viessem mais, decidi subir a rua até a casa de um colega. Ninguém tinha telefone em 1973. Já era noite, lembro-me, tocaram a campainha. O motorista barbudo, a mulher loira e o Theo. Não sei por quê, o Theo fora me buscar no lugar do meu pai. Não dá para esquecer sua cara de alívio ao me ver, o abraço raro que me deu, como se tivesse alguma culpa. Entramos na Kombi, ninguém disse uma palavra.”

*

Edgar tem uma teoria, uma história. Dez anos ou pouco mais, essa é nossa diferença de idade. Mas me sinto tão fraco diante dele, quase insignificante, como se eu não existisse em carne e osso – talvez eu seja feito mesmo de papel. Subitamente, começo a sentir vergonha. Sinto vergonha de não ouvir rádio, de não gostar de futebol. Sinto vergonha de não ter entrado na universidade, de não ter abandonado a universidade. Sinto vergonha de não ter filhos, de ter morado nos Estados Unidos, de gostar de Los Angeles. De ser viciado em internet. Não tive problemas de saúde, não cuidei de pais doentes. Parece que não fiz nada. Me sinto o desertor de uma guerra para a qual nunca fui convocado. Penso na infância de Edgar, na infância do Theo. Penso em



uma categoria de narradores minimalistas. Narradores de televisão narrando jogo pelo rádio, com enormes silêncios entre um toque e outro. Você tem que imaginar tudo. Edgar é muito real, é dolorosamente real; por um instante é a pessoa mais real que já conheci.

*

Surge um posto de gasolina, que alívio. Nosso destino, mostra a placa, está a cinquenta quilômetros. Já está escuro, mas dá para ver uma várzea. No meio dela sobem uns paus; a água cobre metade do gol. Antigamente, acho que na Grécia, a terra era medida em estádios. Enquanto tomamos um café, uma televisão chuveja do outro lado do salão.

*

“O problema maior não é descobrir as pistas; é saber quais são as falsas”, Edgar diz. “A partida está dura, o estádio é acanhado, o gramado, ruim, diz o convidado especial. Você se distrai, não ouve a avalanche de palmas na arquibancada – de onde atiram flores e notas –, o gol iminente ou a tempestade que o locutor enganado não vai transmitir. Não há como entender tudo, Pedro, não se culpe. Um jogador corre pouco, parece entediado e mole; é o craque do time, quase não se mexe em campo. Você será capaz de notar que essa fraqueza provém do locutor, que em sua voz ecoa uma angústia que ele trouxe de casa ou da rua, uma doença ou uma dívida,

quem sabe uma ameaça? Mas por que, afinal, não poderia ser exatamente esse o jogo?” – Edgar pergunta, nós entramos de volta no carro, a noite chega de vez.

Os jogadores do time azul trocam passes no meio-campo. Estamos no fim do segundo tempo, Max tem agora a concorrência de Abraão e de Jesus, cuja volta o pregador anuncia em algum estúdio distante. Sumiram as cartas dos ouvintes, entra a propaganda de um supermercado, e uma longínqua canção em espanhol. O concerto rapidamente se dissolve, o camisa cinco recua para o zagueiro, que entrega para o lateral, que devolve ao volante. Este percebe uma brecha, dá dois passos à frente, executa uma finta seca, esperando passar o companheiro. Enfia então a bola entre dois adversários, na medida para o que vem de trás – ele chega, está na entrada da área, já deixou batido o lateral, aponta, vai atirar, uh. A bola passa tirando tinta na trave. Escuto um estrondo áspero, plúmbeo, que recobre a voz do Max como um cobertor sonoro.

“Quanto você acha que está?”, pergunto.

“A essa altura já viramos. Dois a um – mas bem que poderia ser três.”

*

“O Theo usava um rádio desses grandes, um Transglobe de 8 faixas, eu acho.” Edgar tira outro cigarro do bolso, dessa



vez me adianto e acendo o isqueiro. Já dá para sentir o vento frio que chega dos brejos. “Oito ou nove faixas”, ele diz, “não sei direito; só sei que esse nome, Transglobe, me soava como o de uma máquina fantástica, de poderes avançados e secretos, que o Theo manipulava no quarto dos fundos. Ele passava a noite inteira grudado no aparelho; chegavam uns amigos, iam todos com ele, trancados a chave. Ia também a Ieda, a moça de cabelos curtos que usava gola cacharrel. No quarto também guardavam papéis, um tanto de panfletos empilhados do lado da janela. Não me permitiam participar, saber das coisas que aconteciam lá dentro. Eu capturava só rangidos, melodias casuais em língua estrangeira, espanhol e inglês, também algo como alemão ou sueco, ou russo, pelo menos era isso o que eu supunha ouvir quando alguém deixava o quarto e esquecia por um instante a porta entreaberta. É só assobio de pássaro, dizia Ieda, quando eu queria entender o que saía dali, os fenômenos vagos que ninguém gostava de explicar porque não eram assunto de criança.”

“Houve um tempo para mim, Pedro, em que palavras correspondiam às coisas, e as coisas eram sempre bem vestidas, engravatadas, sisudas, pelo menos as coisas que saíam da boca do Neves, o locutor. Era ele quem transmitia os jogos da seleção, que eu gostava de ouvir deitado no cimento. Parecia uma cerimônia cívica, como as que nos impunham na escola todos os dias, antes da entrada na sala de aula. Para

o Neves, o gramado não era verde, era da cor da bandeira nacional, o estádio talvez fosse um exército, e, à medida que a partida corria, os jogadores se tornavam heróis ou vilões, gigantes, ciclopes, diamantes, deuses do bem e do mal. De acordo com o desempenho do time, ele coloria ou descoloria o estádio, ajustava o clima, encontrava em um e em outro o sentimento geral da pátria. Às seis da tarde, apresentava um informe de Brasília; eu ficava tentando adivinhar o que seria aquilo, o crepúsculo no planalto central. Minha mãe me vigiava da cozinha, de uma varandinha onde ficava o tanque. Se chamavam uma notícia extra, ela parava o que estava fazendo, descia as escadas, vinha pendurar roupa no varal. Hoje tenho um sonho que se repete. Estou com o radinho de pilha ligado, escutando um jogo no quintal. O locutor interrompe o lance, entra a voz dos informes. Às vezes me parece o Neves, às vezes não. Minha mãe está mexendo um doce na cozinha, um doce de goiaba, como sempre fazia. Vai mexendo o tacho, me olha pelo buraco do vidro. O locutor fala alguma coisa que não compreendo, são palavras rebuscadas, difíceis, e no meio de outros nomes repete o nome do Theo, bem alto e severo, o nome completo do Theo. Minha mãe para de mexer o tacho, que está fervendo. As pelotas quentes do doce respingam para todo lado.”

*



“Se você quer mesmo saber”, ele diz, reduzindo a marcha, quando faltam cinco quilômetros para chegar, “essa lembrança é sempre confusa para mim. Começa com umas frases arranhadas, frases feitas, jargões de futebol que vão espocando na minha cabeça, entre os fundos e a varanda de casa, as paredes com sua cor velha, uma cor exata de poste e de marquise, ou de cartório, não entendo por quê. Se tento lembrar, vem a narração toda cortada, sempre na voz de radialistas esportivos, a bola fez uma curva no ar e descaiu, diz um deles, pegou de sem-pulo, diz outro, e por aí vai, um petardo de fora da área, foi pilhado em impedimento, o juiz aponta o centro do campo, uma série de fórmulas e bordões que saem do rádio de pilha, e de repente, no meio dessa enxurrada vêm uns flashes estranhos, visões e pedaços de conversa que acabam parecendo parte do jogo, alguma coisa sussurrada, e aí estão meu pai, minha mãe, altos andando pela casa, com medo, estão também Luzia e Carla, vou para o quintal e me deito no cimento vermelho, gelado, ouço meu pai falando com um estranho, no dia de uma partida qualquer, uma derrota que eu guardo misturada com portas batendo, com o vulto de dois ou três homens invadindo a casa à procura do Theo, do Theo e também da Ieda, quem sabe até do motorista barbudo e da mulher loira, esses homens entram pela casa, vasculham os quartos e as caixas, pegam o Transglobe do Theo e um punhado de papéis, levam tudo para o camburão, vão embora, e então alguém me manda

desligar a porra do rádio”, diz Edgar. Abro minha janela, deixo o vento entrar.

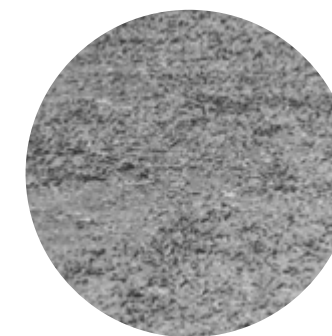
*

Avisto primeiro um punhado de luzes à esquerda da pista, logo a visão se alarga para o outro lado. Passamos uma fábrica, uma vila, uma parada de ônibus. Os postes baixos projetam a mesma sombra dos estádios mal iluminados, a sombra múltipla que faz os jogadores parecerem fantasmas na televisão.

“Ando ficando medroso”, Edgar diz, agora sorrindo. “Quando meu time está mal, desligo o rádio. Ligo e desligo, à espera de algum grito favorável que venha da vizinhança. Acho que vou trocar as ondas médias pelo som das ruas. Um grito breve, perigo. Alguns gritos e silêncio, pênalti. Na hora do gol, uma cadeia de gritos como uma rede de luz. Dá muito bem para seguir o jogo desse jeito. E sobra muito mais tempo de silêncio.”

*

Entramos em uma rua comprida, mas estreita, de casas velhas – uma das principais da cidade, diz Edgar. Atravessamos a ponte até a praça. Ouço foguetes. Alguns rapazes, bebendo em um bar, vestem camisetas azuis. Busco naqueles rostos que nos observam, os forasteiros que acabam de chegar, os



primeiros sinais de uma história que não sei qual é, que para mim está apenas começando. Busco ansiosamente, sabendo que não posso desperdiçar nenhum detalhe. Edgar dirige sem pressa. Quem sabe agora, ouvindo os outros, a Carla e a Luzia, e os amigos que sobraram, poderei encaixar as peças desse jogo, colocar finalmente o Theo em movimento, dar-lhe um sopro de vida. Quem sabe agora poderei entender a descoberta, estranha, tardia, de que esse cara, esse estudante chamado Theo, preso em Belo Horizonte em 1974 e desde então desaparecido, é meu pai.

